

Artífices coleção



# Yêda Schmaltz

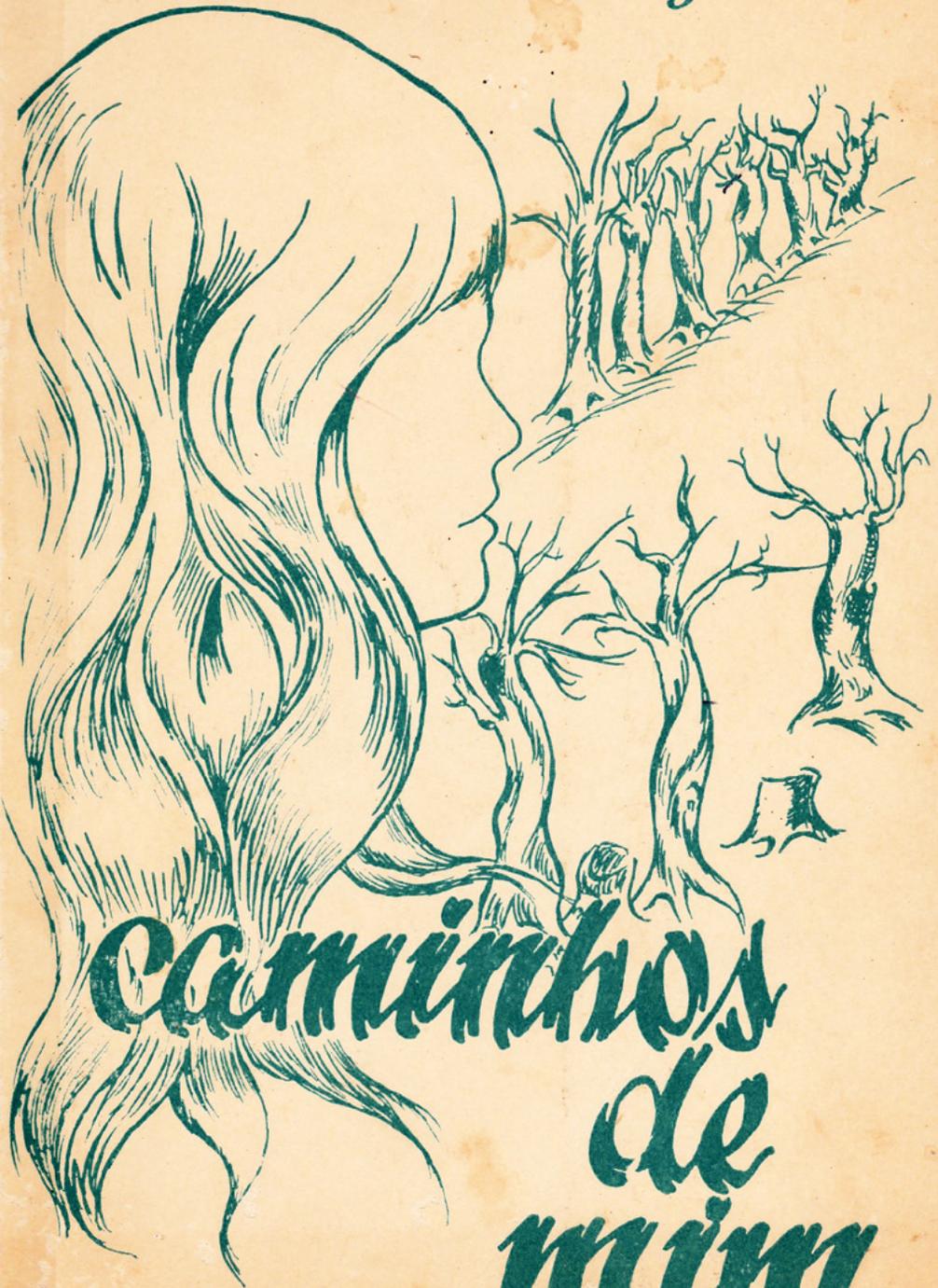
CAMINHOS DE MIM

---

---



iêda schmaltz



ocamirhos  
de  
mim

**CAPA DA NOVA EDIÇÃO**

*Ilustração a partir de trabalhos em xilogravura  
produzidos por estudantes do curso Técnico em  
Modelagem do Vestuário – Educação de Jovens e  
Adultos, parte do acervo da Galeria de Artes e Ofícios  
(Galo) do Câmpus Aparecida de Goiânia do IFG*

**CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO**

*Quadro de T. F. Araújo, com adaptação de José Edgard  
de Oliveira e foto-gravura de Ulisses Pereira Dias*

*Artífices*<sup>coleção</sup>



# Yêda Schmaltz

CAMINHOS DE MIM

---

---

ISBN 978-85-67022-55-0

© 2021 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Goiás. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

S347	Schmaltz, Yêda, 1941-2003. Caminhos de mim / Yêda Schmaltz. - Goiânia: Editora IFG; Aracaju: Editora IFS, 2021. - (Coleção Artífices).  176 p.  ISBN 978-85-67022-55-0 ISBN (e-book): 978-85-67022-45-1  I. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Título. II. Coleção.  CDD 869.1
------	--

Catálogo na publicação:

Maria Aparecida Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB 1/1497

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Editora IFG

Avenida C-198, Qd. 500, Jardim América

Goiânia/GO | CEP. 74270-040

(62) 3237-1816

[editora@ifg.edu.br](mailto:editora@ifg.edu.br)

Impresso no Brasil

---

---

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

DA COLEÇÃO 9

### PREFÁCIO

YÊDA SCHMALTZ: CAMINHOS DE UMA EXPERIÊNCIA  
LUMINOSA 19

PRÓLOGO 25

### DE VENTO 27

PALAVRAS DE SILÊNCIO 29

DEFINIÇÃO 31

POEMA EM DIREÇÃO DA CRUZ DE ESTRELAS 33

BALADA EM TEMPO VERDE 35

PRIMEIRO CAMINHO 37

SEGUNDO CAMINHO 39

TERCEIRO CAMINHO 41

CANÇÃO PARA SETEMBRO 43

CANÇÃO DELE 45

TERNURA E SILÊNCIO 47

GOIÂNIA - CONVITE E ROTEIRO 49

ADEUS 55

CONVERSA DE AMOR 57

DEPOIS DE MIM	59
REVELAÇÃO	61
ORAÇÃO PARA O NAMORADO	63
CANTO EM PIANÍSSIMO	67
CANTIGA	69
VATICÍNIO	71
FELICIDADE	73
CANTO DE RODA	75
SOLILÓQUIO 1	77
CANTIGA MADURA	79
BRINQUEDO LOURO	81
VERTICAL	83
ESPERA	85
OFERENDA	87
LÁGRIMA	89
TEU SORRISO	91
O BARCO	93
CANTO EM SEDE DE INFINITO	95
<b>DE COR</b>	<b>97</b>
CALEIDOSCÓPIO	99
II	101
III	103
IV	105
V	107
VI	109
VII	111
VIII	113
IX	115
X	117
DE PEDRA	119

TRÊS	121
DESPEITO	123
CANTO DE SEMPRE	125
O HOMEM	127
TÉDIO	129
POEMA	131
INSÔNIA	133
DESENCANTO	135
RENOVAÇÃO	137
MENINICE	139
BALADA CINZA	141
MÁGOA	143
SOLILÓQUIO 2	145
SORRISO-MENINA	147
CANSAÇO	149
ESPECTRO	151
CANTO PARA O AMIGO SEM LUZ	153
COMPREENSÃO	155
EPÍLOGO	157
POSFÁCIO	
<b>A MULHER ESCRITA E INSCRITA</b>	
<b>NAS LETRAS GOIANAS</b>	160



## APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

*Folheio o livro, pensativo e triste,  
sorvendo os seus poemas, devagar...  
Sondando, desnudando, ao meu olhar,  
a alma que nestas páginas existe...*

A.G. Ramos Jubé, em "Semelhança".

Os senões, as imperfeições que lhes deslustram presentemente as obras, com o tempo, com a experiência e o aperfeiçoamento irão ficando para trás, motivo pelo qual não vacilamos, com os olhos no futuro, em dizer ao prezado leitor: folheie o nosso livreto.”<sup>1</sup> Esse excerto foi retirado de uma publicação de 1947. Naquele ano, em um dos pavilhões em *art déco* do prédio localizado no Setor Central da capital recém-fundada, funcionava a Seção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Goiânia (ETG) com as oficinas de tipografia e encadernação. Com o apoio do diretor da Escola, foram impressos os três poemas vencedores do Primeiro Concurso de Poesias do Movimento Unificador dos Estudantes Goianos, depois de serem avaliados por nada menos que Bernardo Élis, Leo Lynce e Eli Brasiliense, três destacados nomes da literatura produzida em Goiás. Trata-se da publicação mais antiga de uma gráfica de cuja história partimos para compor esta apresentação.

---

<sup>1</sup> MUEG (Movimento Unificador dos Estudantes Goianos). *Primeiro concurso de poesias*. Goiânia: ETG, 1947. Não paginado.

A partir da inauguração e do batismo cultural de Goiânia em 1942, cinco anos depois de oficializada a transferência da capital do estado, alguns fatos mostraram-se decisivos para a conformação de um cenário literário na cidade. Um dos mais importantes consistiu na instalação da ETG, que representou a continuidade institucional da Escola de Aprendizes Artífices, a qual, desde 1910, estava em funcionamento em Vila Boa, a antiga capital. A contribuição para a produção local de literatura vinculou-se, sobretudo, às atividades do curso de Artes Gráficas. Como atesta o escritor Aidenor Aires, “na gráfica da Escola, onde o ofício de gráfico ainda era aprendido com caixilhos de tipos móveis e uma fumegante linotipo a chumbo, confeccionavam-se vários livros de autores goianos”.<sup>2</sup> Em depoimento à Editora IFG, o promotor de Justiça Wagner Jerson Garcia, ex-aluno do referido curso e filho de Odir Garcia, mestre linotipista da Escola, afirmou que a gráfica, a maior da Região Centro-Oeste até os anos 1960, cumpriu um importante papel social à época, uma vez que, por contar com o ofício dos aprendizes, conseguia oferecer serviços gráficos a baixo custo, o que facultava o caminho da publicação a quem dispunha de poucos recursos.<sup>3</sup> Nesse contexto, a ETG foi a responsável por imprimir livros de prosadores e poetas em início de carreira, como Aires exemplifica em seu depoimento:

---

2 AIRES, Aidenor. *Estrela nascente do anjo Gabriel*. Goiânia, 2010. Disponível em: <http://blogdoelius.blogspot.com/2010/11/estrela-nascente-do-anjo-gabriel.html> Acesso em: 20 mar. 2020. Não paginado.

3 COLEÇÃO Artífices. Goiânia: Editora IFG, 2019. Produção de Renata Rosa Franco, Bruno Fiorese, Vinícius Soares e Olliver Mariano Rosa. 1 vídeo (3min49s). Publicado pelo canal Editora IFG. Disponível em: <https://youtu.be/scRyR2hBEIM> Acesso em: 20 maio 2020.

Ali consegui o *Pássaro de pedra* de Gilberto Mendonça Teles. Pelos corredores passava a figura fina quase diáfana, flutuando com a Vênus de Botticelli, a poetisa Yêda Schmaltz, que editava *Caminhos de mim*. Também Edir Guerra Malagoni, com seu *Tardes do nada, Primeira chuva*, de Bernardo Élis, e outros. Teatro, poesia, música, oratória.<sup>4</sup>

Essa prestigiada atividade gráfica não começou apenas com produção literária. Em 1948, o relato policial de J. C. Canedo, *História de um crime ou o crime de aldeia*, recebeu uma segunda edição em razão de seu sucesso, o que, nas palavras do autor, devia-se, em alguma medida, “ao trabalho gráfico executado pelos artífices da Escola Técnica de Goiás, onde a arte e o gosto não se fizeram faltar”.<sup>5</sup> Ainda na década de 1940, no mesmo ano em que colocava no prelo os poemas do professor José Lopes Rodrigues com o título *Vibrações* (1949), publicava uma obra de referência documental do historiador e geógrafo Zoroastro Artiaga, a *Monografia corográfica e histórica da nova capital de Goiás*.

Dois anos depois, em 1951, eram impressas as *Lendas de minha terra*, obra de Mário Rizério Leite contemplada pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, política de fomento à literatura goiana criada pela Prefeitura de Goiânia em 1943. Em 1955, Bernardo Élis apresentava seu único livro de poesia, *Primeira chuva*, com a inscrição “Tip. e Enc. da ETG”. Nesse mesmo ano, Gilberto Mendonça Teles estreava sua longa trajetória na escrita poética com *Alvorada*, também forjada pelas mãos dos escolares linotipistas. No início da década seguinte, Teles continuou sua parceria com a gráfica dos artífices: publicou, em 1962, *Pássaro de*

4 AIRES, 2010.

5 CANEDO, J. C. *História de um crime ou o crime de aldeia*. 2. ed. Goiânia: ETG, 1948.

*pedra*, que recebeu o Prêmio Álvares de Azevedo, concedido pela Academia Paulista de Letras, e editou, em 1964, seu discurso de posse na Academia Goiana de Letras com o título “A poesia de Leo Lynce e o sentido simbolista da obra poética de Erico Curado”.

Os anos 1960 foram marcados por uma produção profícua, que traduzia o contexto de movimentação artístico-cultural de uma juventude criadora. Em 1963, Ciro Palmerton Muniz, Geraldo Coelho Vaz, Yêda Schmaltz e Edir Guerra Malagoni participaram da criação do Grupo de Escritores Novos (GEN), que, até 1967, agremiou vozes que desejavam trazer mudanças à literatura goiana, sintonizadas com o movimento literário nacional e internacional. A gráfica da ETG tomou parte nesse processo quando levou do chumbo às páginas os livros desses quatro poetas, respectivamente: *Tempo maior* (1962), *Poemas de ascensão* (1963), *Caminhos de mim* (1964) e *Tardes do nada* (1965). No final da década, já com a marca da nova institucionalidade de uma autarquia da União, Escola Técnica Federal de Goiás (ETFG), vinham ainda a lume pelas mesmas tintas a coletânea de poemas da musicista Silvia Nascimento, *Madrugada* (1968), e a seleta de crônicas, contos e novelas de Nita Fleury Curado, *Vida* (1969). No início da década seguinte, a ETFG apresentava ao público a criação poética de Emir Omá (pseudônimo do poeta Euler de Amorim) por meio da segunda edição de *Aquarelas goianas* (1970) e do lançamento de *Flor de abril* (1971), as últimas obras que teriam sido impressas à época nas linotipos da Escola.

De todas essas obras foram selecionadas dez para representar a produção e compor a Coleção Artífices, que resgata não só a história do IFG e sua incursão no mercado editorial, mas também as marcas deixadas no estado quando da transferência da capital e os sentimentos vividos naquelas décadas, literalizados nas páginas de diversos autores, muitos deles em suas primeiras

obras. Apesar de a personalidade editorial não ser prioritariamente literária, uma vez que se publicava todo tipo de material impresso, sendo a gráfica acessível àqueles que pretendiam divulgar seus escritos, a literatura se destaca nesse período, principalmente em razão da publicação das primeiras obras daqueles que iriam se tornar grandes nomes da literatura regional e nacional. Da materialização dessas obras nascem a circulação e a divulgação delas feitas pelos jornais, pelos suplementos literários e pelos próprios autores, em saraus e encontros na capital goiana. Na livraria Bazar Oió, conhecido espaço cultural da capital goiana à época, os autores circulavam em diversos momentos e eventos. A importância de materializar uma obra literária naquele momento é perceptível ante a promoção dos escritores publicados pela ETG em jornais e revistas não só do estado de Goiás, mas de São Paulo e de cidades como Brasília e, especialmente, Rio de Janeiro – centro urbano que naquele momento ainda era considerado uma forte referência no circuito cultural.

Naquele contexto, esse movimento dependia muito das relações sociais, políticas e literárias de cada autor. A republicação atual ganha um novo aspecto e novos suportes, o que permite uma ampla circulação e divulgação por meio das plataformas digitais. Nesse aspecto, cabe a perspectiva de Le Goff, ao afirmar que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.<sup>6</sup> Republicar significa memorar e marcar a presença cultural de uma instituição centenária e a sua importância para a produção literária, ao mesmo tempo que representa a afirmação da literatura goiana no cenário da literatura brasileira, o que é favorecido pela capilaridade da

---

6 LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1999, p. 471.

Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, mesmo que a obra dos autores de Goiás ainda careça de reconhecimento em âmbito nacional.

Antonio Candido, no prefácio de 1957 à primeira edição do seu livro *Formação da literatura brasileira*, inscreve o seu apreço à nossa literatura na base do estudo apresentado. Embora à época tenha visto a literatura brasileira como “galho secundário” da portuguesa, esta, por sua vez, menor no “Jardim das Musas”, Candido diz: “Se não for amada (a literatura), não revelará a sua mensagem; e, se não a amarmos, ninguém o fará por nós”.<sup>7</sup> O que nos interessa da afirmação de Candido não é a visão sobre o lugar ocupado pela literatura brasileira no conjunto da literatura ocidental, mesmo porque, passados mais de sessenta anos da publicação, e já àquela época, temos obras que fazem frente à mais qualificada produção literária da Europa e das Américas. O que chama a atenção é a disposição afetiva colocada no gesto do crítico e a responsabilidade ética que ele demanda do leitor e do estudioso de se debruçar sobre a nossa literatura.

A lembrança dessa passagem do livro de Candido vem a propósito do que temos a dizer sobre a literatura goiana, que teve na gráfica da ETG sua primeira casa editorial efetivamente de Goiás. Essa literatura surge com *O ditirambo às ninfas goianas*, que é tido como um canto de encômio feito pelo professor de latim e poeta Antonio Cordovil ao governador da província Tristão da Cunha Menezes. Nos registros consta a publicação de Cordovil entre 1792 e 1800. A considerar esse marco, temos, então, uma literatura com cerca de 220 anos, que nasce sob a égide da implantação da educação em Goiás, tendo em vista que Cordovil veio para cá com a função de ministrar aula de latim em

---

7 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos: volume 1: 1750-1836*. 8. ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997, p. 10.

Meia-Ponte, hoje Pirenópolis/GO. Uma literatura relativamente jovem que só vai constituir-se como tal no final do século XIX e no início do XX, quando podemos perceber uma produção modestamente acolhida por um público leitor, especialmente na capital da província e, depois da República, capital do estado, onde havia uma vida cultural intensa.

É esse contexto literário que, passado um pouco mais do seu centenário, produziu *Tropas e boiadas* (1917), de Hugo de Carvalho Ramos, uma das mais originais coletâneas de contos, já à época reveladores dos contrastes entre o urbano e o rural, entre o progresso e uma cultura sertaneja forte, presentes até hoje na identidade do povo brasileiro. Carvalho Ramos ganhou a cena nacional, mas contemporâneos seus ficaram à meia-luz como os poetas Félix de Bulhões, Luiz do Couto, Gastão de Deus, Augusto Rios e a poetisa Leodegária de Jesus. Sem citarmos Cora Coralina, que já mostrava seus primeiros escritos nos jornais e nos saraus.

Só mais tarde, com a mudança da capital e a construção de um contexto cultural embalado pela ideia de modernização, com agentes fomentadores e meios de produção criados, como a gráfica da ETG, é que a literatura goiana incorporou-se e desenhou com mais força seu percurso até os dias de hoje. É essa literatura, em cuja linha histórica percebemos as lacunas, o esquecimento e tantos silêncios, que a posição amorosa de Antonio Candido, citado anteriormente, serve para nos ensinar a valorizar e demonstrar nosso apreço a partir de sua leitura, de seu estudo e de sua partilha. O que a Coleção Artífices aqui apresentada propõe é trazer, às leitoras e aos leitores contemporâneos, poetas e escritores que impulsionaram a literatura goiana para ser o que ela é hoje: digna de ser lida e de ser examinada pelos leitores e bons críticos do estado de Goiás. A gráfica da ETG, ao publicar esses autores

no passado, assumiu protagonismo na história da literatura goiana, contribuindo para a sua afirmação e difusão. E o Instituto Federal de Goiás (IFG), agora, ao reeditá-los, abre o espaço que lhes pertence por direito no tempo presente e nos convoca para a leitura que exige o dever de “passar a limpo os autos do passado”.

Em 1947, aquele que apresentava o pequeno livreto de poesia ressaltou a qualidade dos poemas apresentados na ocasião. Dos três jovens poetas, apenas A.G. Ramos Jubé, que galgou o segundo lugar do concurso estudantil com o poema “Semelhança”, notabilizou-se nas letras goianas. Élis, Lynce e Brasiliense apontam-lhe os acertos. Não saberíamos dessa relação entre gerações de escritores goianos se não fosse as artes das oficinas de tipografia e encadernação da Escola. Como os estreates na poesia, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na artesanania dos tipos para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio. Com essa homenagem, conectamos dois tempos e dois mundos, o que se materializa, inclusive, no projeto gráfico dos dez livros: suas capas originais, cuja imagem está reproduzida no interior das reedições, dividem espaço com as novas capas, resultantes da recriação de desenhos produzidos em xilogravura por alunos do IFG/Câmpus Aparecida de Goiânia como parte das atividades da Galeria Artes e Ofícios, a qual, em seu nome e em sua prática, rememora a artesanania de outrora.

A transposição espaço-temporal acontece também na composição das novas edições: reunimos à poesia ou à prosa dos escritores goianos prefácios de vozes célebres da cultura goiana, prefácios críticos de estudiosos da literatura do IFG, da UFG, da UEG e de outras instituições parceiras e, por fim, a reprodução de matérias jornalísticas veiculadas sobre os livros à época de sua primeira publicação, a maioria delas gentilmente cedidas pelo jornal *O Popular*. A todos os que colaboraram para tornar possível essa rica composição, registramos nosso agradecimento, sobretudo aos autores e familiares que cederam os direitos de publicação à Editora IFG.

Numa ou noutra das obras desta coleção que ora apresentamos, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Com vistas a essa dinâmica, a Editora estabeleceu sua estratégia de distribuição: toda a tiragem segue das gráficas para as estantes de bibliotecas públicas. Parafraseando os excertos que abrem esta apresentação, nós, os coordenadores da Coleção Artífices, não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a folhearem, com os olhos no futuro, cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.

**OLLIVER MARIANO ROSA**

**MARCELA FERREIRA MATOS**

**GOIANDIRA ORTIZ DE CAMARGO**

COORDENADORES DA COLEÇÃO ARTÍFICES



PREFÁCIO  
YÊDA SCHMALTZ:  
CAMINHOS DE UMA  
EXPERIÊNCIA LUMINOSA

Recordar é viver. A frase é batida, não tem beleza literária em si, mas tem verdade atestada até pelo fato de ter se tornado um adágio, presente no tesouro da sabedoria popular. Ocorre-me intermitentemente, desde quando recebi o telefonema da amiga historiadora Simone Schmaltz, para escrever a apresentação da reedição do livro *Caminhos de mim*, de autoria de sua mãe, a saudosa poetisa e professora Yêda Schmaltz.

Desde então, renasceu o rio de memórias, ou um memorial de afeto recordado, trazido à tona; fenômeno presente nos processos de mnemônicos de saudade de pessoas que nos foram muito queridas, que tiveram forte e assinalada presença na cena humana do tempo e lugar em que viveram.

Caso inegável de Yêda Schmaltz, que surgiu com impacto no cenário cultural de Goiás, desde o lançamento deste *Caminhos de mim*, livro que marcou sua estreia na literatura brasileira feita em Goiás; obra que veio a lume com o selo editorial da prestigiosa Escola Técnica Federal de Goiás, a que ela então estava ligada – atuando sempre na Educação, em toda a sua vida de professora em secreta/ária – exercendo num e noutro ofício o lirismo caudaloso e inspirado de sua poderosa vocação literária, que desde sua estreia iria marcar, com profundo impacto estético e humano, os caminhos da poesia goiana.

Quem foi, afinal, ou quem é, afinal, Yêda Schmaltz, protagonista e personagem de uma trajetória literária

bem-sucedida e aplaudida – este nome já por si mesmo poético, e sobrenome ligado à tradição germânica, vindo de seu pai, que foi um militar, como o foi o meu próprio?

Como intelectual e artista, não era de usar meios termos, seja em atitudes, seja em palavras – daí a autenticidade de ser quem de fato era, de afirmar-se como pessoa, sem medo da não aprovação alheia, nos seus poemas, em seu ideário estético, em seus relacionamentos nos meios literários, na academia universitária, bem como na vida social. Tal maneira de ser e de existir no mundo pode ter trazido dissabores ou atritos existenciais a esta que, comparada à ucraniana Clarice Lispector – ambas com vivências recíprocas – pela coragem radical de não se ocultar, tanto na sua literatura quanto no seu estilo de vida, por trás de máscaras de submissão aos padrões normóticos viventes.

Tal postura de viver e atuar no mundo, como cidadã, professora de estética das formas de arte da modernidade, literata, poetisa e contista renomada, e, além de tudo isso, artista plástica, garantiu-lhe a elogiosa situação de poder ser definida como mulher que foi ela mesma, não imitou ninguém, tendo sido a representação viva e luminosa de um verso de Fernando Pessoa: “Não sou nada/ não posso querer ser nada/ à parte disso, tenho em mim/todos os sonhos do mundo”.

De fato, Yêda Schmaltz foi, como pessoa e poetisa, parte de excelência ímpar, rico aluvião criativo do tesouro poético goiano e brasileiro. Uma chuva generosa, direta, sincera, jamais oblíqua, emanada como fluxo jorrante, de uma das mais poderosas e mais produtivas vocações literárias de toda a trajetória cultural e artística constante da biografia das terras e tradições Goyazes. Ela que, sendo um vulcão criativo, encontrou tempo e energia para ser gestora de cultura, à frente do Instituto Goiano do Livro (Agepel), em que instituiu oficinas de literatura e artes, criou e dirigiu coleções de livros de prosa e poesia (Karajá e Pali-Palá).

Tendo surgido no cenário da literatura goiana quando Yêda já era uma figura consagrada, com seus livros de poesia sendo premiados e estudados, por estudiosos de Goiás e de outros estados, tanto eu quanto todos da minha geração literária recebemos forte influência de sua personalidade, de suas ideias estéticas. Temos, eu e Yêda, afinidades eletivas no que concerne à poética.

Ao jeito desassombrado de cada um, perante a academia do oficialato, e das as igrejas e potestades da cena literária goiana, à grei dos anjos que desafinam no coro dos contentes. Devo a Yêda ter sido apresentada ao revolucionário da psicanálise, Carl Jung, a Joseph Campbell – corajosos pioneiros, argonautas da psique, estudiosos dos arquétipos e dos mitos. O lirismo de escafandrista da alma, presente nos últimos livros que Yêda Schmaltz publicou, revela a profundidade e complexidade da transformação de sua visão da vida e da literatura – fato que a levou a experimentos radicais de criação poética. Foi assim que essa pessoa/poetisa viveu, amou, criou sua família, conviveu com seus colegas e amigos – sendo sempre ela mesma, integral e verdadeira, em sua personalidade marcante; sem fazer concessões ao fácil ou à hipocrisia das convenções banalizadoras. Tendo estreado com esta bela coleção de poemas, que em boa hora a Editora IFG rerepresenta a seus leitores, Yêda Schmaltz andou por veredas e jornadas que ela mesma idealizou e construiu, com sua corajosa e luminosa personalidade criadora, de altíssima voltagem e reconhecida qualidade.

Goiânia, março de 2019.

**BRASIGÓIS FELÍCIO**

Escritor e jornalista, membro da  
Academia Goiana de Letras.



*para*

*mamãe,*

*vovô, papai*

*e titio*



---

---

## PRÓLOGO

eu sou alguém  
andando pelos caminhos.

as estrelas todas  
escorreram brilhos  
por estradas de ninguém.  
elas compreendem  
o ser no ocaso,  
a tentativa  
de sombra sem muro  
pra se projetar.

eu sou alguém  
perdido pelos caminhos.

hã de vir pássaros,  
amoras, flores,  
sons e devaneios.  
mas a procura  
é eterna  
e nunca encontra  
o que procura.

eu sou alguém  
errando pelos caminhos.



# DE VENTO

*para luz*



---

---

## PALAVRAS DE SILÊNCIO

tentar novamente  
– entre o pingo da tarde  
e a poça da noite –  
o amadurecimento  
da poesia.

palavras são ruídos meigos  
de folhas caindo no verão  
porque a primavera passou.

criar um poema  
que não existe  
neste abismo de chuvas caladas.

tentar novamente  
– entre a frase de cristal  
e o azul do infinito –  
inventar um poema.

inventar um poema tão grande  
como o silêncio  
dos teus braços  
nos meus braços.



---

---

## DEFINIÇÃO

poesia é  
felicidade  
sem maldade  
tão macia  
tão querida

meus versos são  
meu coração  
pingando pão  
na vida

*ipameri – 1958*



---

---

## POEMA EM DIREÇÃO DA CRUZ DE ESTRELAS

eu sempre pensarei em ti.  
os lírios brancos da minha saudade  
hão de florir eternamente na lembrança  
do teu amor tão grande  
feito de sonhos e de espumas,  
do teu amor tão grande  
que eu não mereci.  
estará sempre comigo o teu olhar cadente,  
estranho olhar que tremeluz ao vento  
as cantigas de amor dos tempos idos;  
e as estrelas do sul hão de mostrar caminho  
se algum dia, perdido demais  
no pó dos meus poemas,  
buscar por ti na imensidão da lua.  
mas não irei na tua busca.  
que o teu país é frio e impenetrável  
para meu corpo tropical e branco;  
que a tua fonte é muito cristalina  
pra refletir a alegoria quente  
do meu viver de pedra e de distância.  
o teu amor é puro, muito grande,  
mas sou poeta abraçando os montes,

---

embriagado de azul até à alma;  
e sou poeta para os homens todos,  
não sou “poema para a cruz do sul”.  
da dissonância verde dos meus atos,  
de fecundo cataclisma do meu ser,  
revive a tua face.  
e por milênios de dor e de saudade,  
maldizendo o fatalismo do meu mundo,  
eu sempre pensarei em ti.

---

---

## BALADA EM TEMPO VERDE

vou soltar os meus cabelos  
vou sorrir os meus sorrisos  
vou desnudar meus pezinhos  
que a primavera está perto

vou cantar verdes cantigas  
vou brincar com passarinhos  
vou correr nas enxurradas  
do meu setembro florido  
que a primavera está perto

vou roubar nuvens noturnas  
e estrelas matutinas  
vou tecer minhas roupagens  
com sonhos de folha e espuma  
que a primavera está perto

vou voltar a ser menina  
vou puxar os teus cabelos  
e roubar doces da lua  
vou brincar com as bonecas  
dos milhos verdes de outubro

vou carregar nos meus braços  
flamboyants amor e vinho  
vou compor os meus poemas  
mais lindos mais escolhidos  
que a primavera vem perto

vou gerar botões vermelhos  
nos olhos do meu amado  
vou perfumar os meus lábios  
vou florir meu corpo todo  
que a primavera vem perto

vou florir meu corpo todo  
que a primavera vem perto  
e quando chegar o outono  
vou transformar-me num fruto

---

---

## PRIMEIRO CAMINHO

cheguei da direção do sol  
e os meus olhos deslumbrados  
foram chegando mais que eu.  
havia fogo pelos campos,  
mas as estradas eram lisas,  
entremeadas de coqueiros sonolentos.  
embaixo florescia uma cidade  
feita de alegorias  
e os sorrisos eram grandes  
à minha passagem.  
crianças sãs e rubras  
rodopiavam seus brinquedos  
no horizonte;  
homens e mulheres  
abraçavam-se na terra  
eternamente.  
cheguei da direção do sol  
em busca de estrelas brancas.  
e encontrei perdida nas retinas  
da noite embriagada, morna,  
uma vida bonita demais  
para ser vida,  
uma vida bonita demais  
para meus olhos.



---

---

## SEGUNDO CAMINHO

cheguei da direção da noite e das estrelas.  
havia conhecido o sol, a primavera  
de flamboyants cantando nas estradas.  
do meu caminho sem encruzilhadas  
eu trouxe flores, fontes de ternura  
e uma dor latente, muito pura:  
a dor do belo sufocando os olhos.  
cheguei da direção das estrelas,  
por um caminho azul e cor de rosa;  
e os meteoros vivos, luminosos,  
da minha juventude florescente,  
abriam-me atalhos nas estradas  
mas vi a dissonância clara  
de um mundo embrutecido por ganância:  
eu vi remedos, vi crianças magras,  
eu vi amor mais pobre que fecundo.  
a luz do dia escureceu minh'alma  
e a vida, a devorar meus olhos,  
fez de granito azul minha agonia.  
foi quando abandonei a vida pelo sonho;  
que ela ficou triste demais  
para ser vida,  
que ela entristeceu demais  
meus olhos.



---

---

## TERCEIRO CAMINHO

cheguei da direção do nada  
e descobri que o próprio nada  
é que constituía  
o mundo azul e claro e escuro.  
eu propriamente não chegava:  
andava sorrateira nas estradas  
perdida em sonhos vagos como as brumas.  
sonhei milênios e ternura nos caminhos;  
tinha em mim as vestes rotas, maltrapilhas  
e à minha frente um mundo de deserto  
imensurável.  
com um cajado verde machucava a lua  
que ria do meu sonho sem perfume  
cheguei da direção de mim perdida  
e pedir ao arvoredo  
um pouco mais de flores,  
pedindo aos próprios olhos  
um pouco mais de água.  
cheguei, sem ter chegado,  
ao cume inconsequente, ao termo  
da minha própria e branca iniquidade.  
foi quando – dedo em riste, braços de universo –  
surgiu o amado feito de delícias

---

com um ombro enorme para o meu descanso.  
e da encruzilha cor de brasa,  
olhando a vida que escorria eterna,  
gritei entrecortada de alegria:  
– “eras grande demais para a menina,  
eras linda, triste demais para meus olhos,  
porém agora és simplesmente vida!”  
e sibilando ao vento, adormeci de amor.

---

---

## CANÇÃO PARA SETEMBRO

ônibus,  
vento,  
pensamento  
e árvore  
completamente florida.

que maravilha,  
que encantamento,  
que coisa,  
que não é coisa,  
é sentido.

é tão fácil ser feliz!

ainda farei um poema  
para você  
setembro,  
setembro,  
setembro.

já fiz.



---

---

## CANÇÃO DELE

meu amor inevitável  
meu irmão que nunca tive  
e que sonhei  
correndo em madrugadas

meu amor meu filho  
que se aninha em minhas mãos  
nos seus cabelos  
para nunca mais

meu amor meu irmãozinho  
meu tudo minha paisagem  
que descortinei  
tremulante

meu amor benzinho  
minha estrela  
no penúltimo  
degrau

meu amor inevitável  
meu irmão de longas eras  
amo você demais  
demais



---

---

## TERNURA E SILÊNCIO

eu te farei dormir por sob a lua.  
seguirão perdidamente pelos teus cabelos  
meus pequeninos dedos frágeis,  
meus pequeninos dedos frágeis  
possuidores de mitos e de lendas,  
para apontar-te a flor, a estrela,  
para mostrar-te, amor, a eternidade.

eu te farei dormir sorrindo  
o teu sorriso de crepúsculo.  
meus pequeninos braços  
aconchegarão teu corpo imenso,  
teu corpo imenso e brando  
como um caminho que não chega nunca;  
meus pequeninos braços pequeninos  
num caminho imenso  
onde um dia o amor partiu,  
não chegou nunca.

não te entristeças, meu amor,  
nos teus cansaços  
e não grites nunca tuas perguntas  
eivadas de mistério.  
cobre-te no meu silêncio, vem!  
junto a meu corpo moço, pequenino e terno,  
eu te farei dormir por toda a vida.



---

---

## GOIÂNIA – CONVITE E ROTEIRO

vem a goiânia em outubro  
pois goiânia é flor cidade  
onde existe uma alameda  
cujo nome é feito a fogo  
mas de fogo não tem nada  
pelos cantos da alameda  
as florzinhas amarelas  
dão bons dias pra cidade  
pelos cantos da cidade  
nas tardinhas coloridas  
os pardais fazem congressos  
em dó ré fá sustenido

vem a goiânia em outubro  
nos caminhos pra goiânia  
há coqueiros serelepes  
os cajus andam caindo  
de maduros nas estradas  
pelo lado que chegares  
seja do sul ou do norte  
uma serpente te espreita:  
é o rio meia ponte

---

que possui pontes inteiras  
e turmalinas no leito  
pra brincar com estrangeiros

– não direi dos nossos prédios  
nossas colunas aladas  
só direi dos nossos marcos  
só direi da primavera  
só direi dos nossos sonhos  
e das nossas tradições  
que goiânia esta menina  
decantada por balzac  
a meus olhos de poeta  
é mais sonho que argamassa  
com perdão do boquady  
e dos nossos engenheiros –

vem a goiânia em outubro  
vagarás tal qual abelha  
em manhãs embriagadas  
de mel por todos os lados  
a tarde te encontrará  
a recompor os cabelos  
refletidos contra o espelho  
de nosso lago das rosas  
se te perderes no entanto  
dentro da noite calada  
a cruz azul da matriz  
será teu guia indelével

no coração da cidade  
a praça do bandeirante  
(uma estátua – o bandeirante –  
que traz a espada na cinta  
a esperança na mão  
e o meu amor de menina  
pousado no seu chapéu)  
quando é noite de domingo  
e o luar está bem claro  
ouvirás valsas antigas  
tocadas pela retreta  
da polícia militar

vem a goiânia em outubro  
verás tantos flamboyants  
rebentando em primavera  
na tocantins e araguaia  
(rios de flores nas ruas)  
que teus frágeis olhos brancos  
terão derrames florais  
por dentro do cristalino  
entanto os nossos pacatos  
ventos do quadrante leste  
jogarão bom lenitivo  
petalar nas tuas faces

vem a goiânia em outubro  
há um cruzeiro de pedra  
num extremo da cidade  
onde os doces namorados  
vão cantar canções de seda

---

às estrelas vespertinas  
e a nossa universidade  
uma flor que desabrocha  
(flor que viça o ano inteiro  
de três anos para cá)  
entoa o hino vibrante  
da reforma e da igualdade

a rua dez tem um cheiro  
que fica e limita o mundo  
o cheiro escorre o tempo todo  
e lembra vestido branco  
rosa flor de laranjeira  
na rua quinze guardando  
os flancos dum bom colégio  
há sentinelas hirsutas  
cujas folhas de tão grandes  
ao caírem de caducas  
ultrajam ruflando pedras  
a poesia passante

vem a goiânia em outubro  
encontrarás com certeza  
um cronista ou um poeta  
que lhe envie palmas dúbias  
chuparás jaboticabas  
comerás pequis bem tenros  
maracujás com açúcar  
e mingaus de milho verde  
dançarás das seis da tarde  
até quando conseguires

bem pra lá da madrugada  
alcançar o sol com os dedos

em goiânia as borboletas  
o trânsito não respeitam  
nosso trânsito estampado  
por muita chuva vermelha  
nas capotas nos cabelos  
as acácias pingam ouro  
por perto das faculdades  
e o nosso palácio verde  
reino são da liberdade  
possui fontes coloridas  
onde poetas e loucos  
vão banhar-se às escondidas

vem a goiânia em outubro  
numa gruta do ateneu  
para afogar-te em ternura  
está cercada de rosas  
a virgem dos olhos grandes  
numa gruta de poemas  
cercada de sonho e pluma  
eu componho de joelhos  
a balada convidando  
o mundo pra ver goiânia  
e beber a primavera  
que canta nos quatro cantos

vem a goiânia em outubro  
podes vir o ano inteiro

---

mas eu prefiro em outubro  
que em outubro a costureira  
natureza e silva só  
(parente do meu irmão)  
faz um vestido bordado  
com estrelas matutinas  
e florzinhas bem singelas  
pra vestir o meu torrão  
se não puderes em outubro  
podes vir o ano inteiro

goiânia – primavera – 1963

---

---

## ADEUS

chovendo.

chuva me fala  
de coisa complicada.

hoje tomei um sorvete  
gelado como teu olhar  
no momento do adeus.

adeus que não era  
de morangos.

o trem apitou fino  
de doer na alma.

e eu fico pensando  
pra que é que existe  
saudade.



---

---

## CONVERSA DE AMOR

meu amo e senhor  
meu amo que amo  
que é o princípio  
o fim do caminho  
caminho-vereda  
de mato cerrado  
macega pau terra  
vereda verdinha  
do meu coração

meu amo e senhor  
maiores que o mundo  
ficaram meus olhos  
olhando nos seus  
maior que o destino  
ficou minha vida  
fruindo na sua

meu amo e senhor  
eu rezo em uma prece  
de amor e malícia  
lembrando você  
e quero seus braços

maldosos bem rijos  
demarcando a sina  
do meu sofrimento

meu amo e senhor  
que espero e que encontro  
no simples contato  
da pele no vento  
perdoe esta frase  
um pouco atrevida:  
seu jeito de tonto  
de moço da roça  
com pernas compridas  
é uma gracinha

---

---

## DEPOIS DE MIM

deitar-me-ei  
no ventre das coisas  
e abrirei os braços  
longamente ao vento

a tarde  
há de contar estórias  
do tempo das sereias,  
do antes do tempo.

os olhos do mundo  
hão de fitar  
meus olhos  
feitos de algas e de brisas.

quando fechar meus braços  
hei de ter comigo  
pedaços de estrelas  
e reterei em mim  
o amor dos homens.



---

---

## REVELAÇÃO

na concha  
em botão  
havia  
uma flor:  
abri  
o botão  
mostrei-te  
a essência  
vermelha  
das coisas  
no fundo  
da flor  
na concha  
da mão



---

---

## ORAÇÃO PARA O NAMORADO

*(à moda do vinícius)*

meu deus, é uma oração  
que não é bem uma prece:  
é uma conversa, um devaneio,  
uma explicação.  
meu deus, peço por meu namorado,  
meu namorado que hoje partiu de ônibus  
e deixou meus olhos parados, parados  
que isso de namorado é uma complicação  
porque namorados existem muitos,  
mas quando o namorado está no coração,  
quando o namorado é o homem amado,  
aquele que chega, se estende  
e faz vibrar a última das constelações;  
aquele que a gente entende  
e tendo barba na cara conta estórias  
da carochinha a uma cabeça já ensaiando prata;  
mas quando o namorado é no duro  
o homem amado, amadíssimo,  
tão amado que mesmo não sendo, é;  
isso de namorado dói na gente.  
que o meu namorado,

antes de ser o homem amado,  
que o meu namorado  
é tudo que eu tenho na vida.  
meu deus, você está vendo  
a minha solidão: o leito abandonado,  
o quarto cheio de saudade  
do namorado,  
o mudo criado  
com nosso retrato amarelado,  
o meu cabelo amarfanhado,  
eu fazendo rima em ado  
sem saber por que.  
meu deus, será que você entende?  
(seu filho não entenderia porque  
ele é estrangeiro e saudade  
é idiotice da conversa que eu converso  
na minha terrinha.)  
o cigarro apagou, ficou muito tarde  
e a desaforada piaf  
fica machucando a gente.  
meu deus, é uma conversa,  
não chega bem a ser uma oração,  
mas por favor, tome conta do meu amor.  
faça o ônibus não dar muitos solavancos  
pela estrada  
que aqui há uma estremecida namorada  
com medo de desastre.  
faça com que todas as mulheres  
daquela longínqua cidade  
fiquem de repente muito feias  
que é um perigo, você sabe,

passar mulher bonita perto de homem  
dessa idade do meu namorado.  
ou então, coloque a estrela do meu sonho  
na testa do meu namorado  
e que ela brilhe tanto e deixe  
o rosto dele pra segundo plano.  
não que ele seja bonito,  
mas a gente nunca sabe.  
acima de tudo, meu deus,  
faça com que estes dias de distância  
durem pouco e traga-me de volta  
inteirinho,  
igualzinho,  
o meu namorado,  
o meu homem,  
o meu amado,  
amém.



---

---

## CANTO EM PIANÍSSIMO

quantas vezes escrevi últimos poemas  
que eram princípios de canções compridas.

um pássaro cantou na madrugada  
um pássaro cantou  
ainda era cedo para despertar.

de mil mortes morreu a poetisa  
de mil farrapos pobres  
brotou a poesia.

um pássaro cantou na tarde da esperança.  
um pássaro cantou.  
ainda era cedo para adormecer.

do que fui,  
do que serei,  
é impessoal.

o que existe é voo limpo  
nas madrugadas baças,  
o que existe é primavera  
pelas brumas loucas,  
enquanto um pássaro cantar na vida.



---

---

## CANTIGA

eu venho e te digo  
canção bem bonita  
que conta desejos  
que canta carícias  
de medo e de vida  
de sonho impossível

soubesses querido  
que a canção bonita  
que canto e entrevejo  
nas rosas da tarde

soubesses repito  
que o canto que digo  
sonhando e que escrevo  
resume-se apenas  
na doce molhada  
masmorra que envia  
olhares furtivos  
por telepatia  
da cor do sertão  
que envia furtivos  
olhares aos meus

soubesses “tripito”  
virias ouvias  
meu triste piado  
fugido da rama  
deixavas teus olhos  
perdidos nos meus

---

---

## VATICÍNIO

se me deixares,  
enxugarei meus sonhos  
rasos d'água,  
farei brilhar a dor  
do meu crepúsculo.  
cumprir-me-ei  
simplesmente  
e me levarei comigo  
depois de deitar  
nas águas  
a minha imagem de sombras.  
e se me buscares,  
já não serei.



---

---

## FELICIDADE

lá fora o anjo vento  
repica na chuva

cá dentro cá dentro  
só meu pensamento  
lembrando lembrando

cá dentro a beleza  
sem chuva nem vento  
beleza-lembrança  
de um breve momento

lá fora a alva chuva  
sacode-se ao vento

cá dentro cá dentro  
cabelo molhado  
olhar salpicado  
de estrelas que brilham  
que brilham que brilham  
sem dor nem saudade  
lá fora a tristeza  
sem fim nem limite

cá dentro o impossível  
impossível calado  
da felicidade  
lembança gostosa  
de um beijo molhado

---

---

## CANTO DE RODA

as palavras fugiram  
para brincar de roda  
na tarde.

o mundo rola  
à minha volta  
seus prenúncios impossíveis.

o mormaço da cidade  
dá vontade de morrer  
e o setembro  
absurdo de luz  
é triste, triste.

eu fiquei cansada e só,  
tendo muito o que fazer  
mas tresnoitada de vida.

as palavras fugiram  
e agora brincam  
lá embaixo:

a iêda é linda,

é linda iêdinha,  
entrará na roda,  
ficará sozinha.

ficará sozinha.  
ficará sozinha.

---

---

## SOLILÓQUIO 1

onde estará você?

na viagem que fiz  
além do mundo  
meus olhos continuaram  
apagados.  
havia pelo campo  
muita flor desperdiçada  
que o matuto  
não sentia  
pois a terra é muito bruta.

onde andaré você?

na meninice eu tinha  
os fundos da casa de arroz  
onde nadava  
em palhas amarelas.  
agora tenho frio.

recebo, extática,  
a lição das coisas  
e do vento.

---

agasalho-me  
com os derradeiros livros  
e faço ioga  
no meu pensamento.

onde andar\u00e1 voc\u00ea?

a estrela pisca  
lembrando que o instante,  
a hora, o dia, o m\u00eas,  
o ano e o sentimento  
que cabe no instante,  
na hora, no dia  
no ano, no tempo,  
\u00e9 apenas  
um acontecimento.

depois deste sil\u00eancio  
me reconstituirei.  
depois deste poema  
poderei sorrir.

onde estar\u00e1 voc\u00ea?

agora mesmo vai chover...

---

---

## CANTIGA MADURA

os versos todos  
estavam guardados  
esperando o tempo  
do tempo de chuva  
de flor de doçura  
de canto de beijos  
de excitação

os versos todos  
ficaram guardados  
bi tri mastigados  
guardados outono  
inverno verão

foi quando senti  
meu corpo de casca  
de seiva cantante  
brotar coisa nova  
meus braços de folhas  
jogadas no vento  
crescerem na tarde  
do dia sem fim

foi quando gritei  
as flores silvestres  
maduras de sonho  
deixei nos caminhos  
meus frutos vermelhos

no tempo do tempo  
de chuva e doçura  
havia perfume  
nos rastros de mim

---

---

## BRINQUEDO LOURO

a tarde brincou de roda  
nos teus lábios,  
brincando de esconder  
da noite escura.

afugentando a tarde  
em remoinho,  
as primeiras estrelas  
se afogaram  
perdidamente grandes  
nos teus olhos.



---

---

## VERTICAL

sentirei teu vulto,  
teu mistério louro,  
transparente,  
vir até mim,

mas estarei só

sentirei a música  
dos gestos  
no entrelaçamento verde  
que existe nos teus braços,

mas estarei só.

sentirei somente  
tua imagem translúcida  
evocando cantos  
de sereia

pois estarei só.

pois sentirei  
teu vulto apenas  
no meu desejo.

pois tudo  
há de apagar  
e as pétalas da noite  
cairão doidamente  
contra as pedras.

eu estarei só,

mas saberei  
reconstruir  
minha felicidade.

---

---

## ESPERA

olhei o sol lamentar na folhagem  
ouvi as melodias que penetram  
fiz poemas brincando de esconder  
adivinei o escuro

lembrei da fonte estrela pássaro selvagem  
pensei em primavera despencando os montes  
trepei no muro onde ficou meu sonho  
lembrei de tudo

fiquei calada a suspirar distância  
mordi o pulso procurando a alma  
despi meu corpo procurando a essência  
senti meus poros

em desmaio azul eu fiz do nada um tudo  
em verde interior emaranhei cabelos  
e vi que a vibração do mundo  
estava em mim

suor correu no imo da esperança  
em ânsia tenebrosa a vida sentiu frio  
solução gemeu calado sem lágrima  
para completar

morreu o sol  
morreu a folha  
morreu o escuro  
morreu a flor  
morreu a fonte  
morreu o frio  
morreu a essência  
morreu a vida  
morreu a morte

não morro eu  
enquanto estás distante  
espero

---

---

## OFERENDA

veio no cheiro do tempo  
este tempo molhado  
com pingos vermelhos

veio da terra sulcada  
na rosa de sangue  
que não vai murchar

veio no vento inconsútil  
nas asas do sonho  
no imo de mim

veio no tempo das flores  
dos corpos salgados  
de brisa e de mar

veio da pele sulcada  
o amor feito rosa  
que eu quero te dar



---

---

## LÁGRIMA

em cada lágrima que cai por ti  
há um gosto de veneno,  
um fremito de desejo,  
esquisito,  
que parece soar de trombeta  
em plena madrugada.

e há um vento de saudade,  
um quê de esquecimento,  
uma distância amarga  
parecendo encruzilhada.

mas é lágrima só:  
um líquido que corre  
(rola do sentimento).  
cai,  
seca,  
morre.



---

---

## TEU SORRISO

amado,  
o teu sorriso abre clarões  
por toda parte,  
o teu sorriso é o plasma  
deste amor de nós,  
amor que despe  
e multiplica a rosa  
em sonho evanescente.

por que falar de ti,  
da tua voz,  
dos teus cabelos,  
do teu nariz tão voluntarioso,  
se é teu sorriso que cria em mim  
o imprevisto,  
se teu sorriso é o princípio e o fim  
de ti mesmo  
e o momento exato  
em que fiquei perdida?

o teu sorriso é paz e eu quero  
o teu sorriso contra mim  
como se eu fosse o mar ou as estradas

---

das tuas andanças.  
o teu sorriso faz aflorar na epiderme  
estranhas florações rosadas,  
porque o teu sorriso  
lembra aquele momento depois do beijo  
em que a gente soluça  
para depois ressuscitar.

eu amo o teu sorriso  
porque o teu sorriso lembra  
mordidas trogloditas  
e dá vontade de rasgar  
papagaios de papel de seda.

porque teu sorriso  
é poema bem livre  
tornado em balada,  
porque teu sorriso  
me prende,  
me põe pequenina,  
de olhos cerrados,  
de boca entreaberta,  
de braços largados,  
cabelos ao vento,  
espiritualizados.

porque teu sorriso  
me rouba de mim.

---

---

## O BARCO

de tanto soluçar, pedir ao tempo,  
algo para abraçar meus dedos de menina,  
eu recebi um barco naufragando.  
e fui feliz por ter alguma coisa!

mil léguas de ilusão cercou meu barco,  
e o que tinha de si: as velas sobre as águas,  
foi primavera, flor, azul, mel, canto  
nunca se viu um naufrágio tão longo:  
as águas de luar permaneceram quietas  
e o pouco a pouco que ele se afundava  
era num mar de lágrimas poetas.

até hoje, passos lentos e incertos,  
os pés desnudos deslizando ondas,  
minha ternura busca embevecida,  
no mar de pranto, os últimos vestígios...

esta tristeza ficará no tempo,  
mas a esperança cantará nos ventos  
levando azul às coisas pequeninas.  
e brotarão nos cantos dos caminhos  
os frutos que não tive, mas que outra teve.  
outra mulher ou bruma ou água doce e branda.  
que recebeu em si um barco muito branco.



---

---

## CANTO EM SEDE DE INFINITO

os trigais estavam maduros,  
mas ela era a mulher do vento.  
a brisa cristalina cantava  
o seu chamado eterno,  
mas ela era a mulher da espera.

estrelas pingaram e escorreram  
sua luz calada  
pelos cabelos dela.  
o céu abriu-se em horizontes largos  
e a sede do infinito  
era da cor das algas.

os caminhos perderam-se  
em distância.  
as sereias cantaram em vão  
os seus cantos amargos.

porque ela era a mulher da espera,  
a fonte foi mais funda,  
foi mais branca.  
e o voo  
foi mais simples,  
foi mais longo.



**DE COR**



---

---

## CALEIDOSCÓPIO

### I

(moldura)

pedi de natal  
à mamãe-noel  
dona tita,  
um caleidoscópio.

comprei  
bolinhas coloridas  
em Brasília  
e pedi ao meu amor  
para fazer-me  
um caleidoscópio.

o titio disse  
que iria cortar  
três espelhos compridos  
e mandar-me brevemente  
um caleidoscópio

até hoje não tenho  
meu caleidoscópio.

portanto resolvi  
pintar poemas  
geométricos  
e não geométricos.

em cada página  
está uma face  
do meu caleidoscópio.

e é preciso olhá-las  
contra luz  
para que os cristais  
rebrilhem bem  
e o cilindro opaco  
não se perpetue.

## II

(caleidoscópio)

o dicionário conta  
que veio do grego  
assim:  
kalós – belo  
eîdos – forma  
skopein – ver.

vamos ver  
o belo da forma,  
a forma do belo,  
a forma da forma,  
o belo do belo  
e vamos  
essencialmente  
ver.

que o dia  
em que perder  
meus olhos  
serei o mais desgraçado  
silêncio,

serei uma sombra  
opaca e sem cor.



## III

(forma - desejo)

um desejo geométrico  
modela teu vulto  
no horizonte.  
decifro as tintas  
deste sonho esquivo  
e me embriago solenemente  
de distância.

ah! eu gostaria  
que tu fosses  
só teu nome de luz azul,  
igual o meu vagalume  
de menina,  
preso por um carretel  
de linha número cinquenta.



---

---

## IV

(composição)

às vezes penso  
que me sinto triste  
e chego a conclusões  
douradas  
então componho  
o meu poema  
como quem pinta um quadro  
e o expõe interiormente.  
construo o meu poema  
como quem constrói  
uma casa:  
caio as paredes,  
planto flores,  
bordo fronhas,  
encerro o assoalho.  
realizo o meu poema  
como quem faz um deus  
e o cultua igual cristão:  
nas agruras, nas tristezas.  
construo o meu poema  
como quem constrói  
um lar.  
e me mudo  
para ele.



---

---

**V**

(branco)

todas as cores  
tornam-se brancas  
em velocidade:  
cantiga triste  
que o newton  
já contou.  
porei

meu branco  
no tempo,  
choverei  
miçangas,  
e a história  
há de contar  
estórias  
da tela  
em branco  
que a poesia  
pintou.



---

---

## VI

(preto)

não faço conta do mundo  
e a janela do sol  
ficou fechada  
para a minha liberdade.  
(o caleidoscópio apagou a luz)  
não faço conta da vida,  
meus sentimentos  
são como sombras que se perdem  
contra muros cobertos de hera.  
não faço conta do hoje,  
o brilho efêmero do sonho  
tem mais sabor de eternidade.  
não faço conta de mim.



---

---

## VII

(sombra e violeta)

no silêncio desta melancolia  
que não me permitiu esperanças,  
suporto o sofrimento  
de ser sombra,  
de ver,  
mas não ter  
sol nem céu.  
(quando os homens  
terão o mesmo pão?)

a luz fraca  
do caleidoscópio  
ilumina de violeta  
reflexos marejados  
contra o espelho.

dentro da noite funesta,  
eu,  
a imagem  
e a melancolia  
estamos chorando

os homens maltrapilhos  
que não furtam-cores,  
furtam pão  
para viver.

---

---

## VIII

(azul)

primeiro,  
o dente amolecia  
e eu o jogava  
no telhado  
da casinha:  
– melão, melão,  
guarda este  
dente podre,  
dá o meu  
dentinho são.

depois,  
os brinquedos de pique  
com as meninas  
da vizinha:  
– limão galego,  
relô, tá pêgo –  
até que a vovó mercedes  
gritava:  
– vem tomar banho,  
bonecra!

então,  
mais crescida  
um pouquinho,  
escrevi teu nome  
em minhas pernas  
com careta de caju:  
fiquei de cama  
uma semana  
e quando melhorei,  
foi uma surra!

faz um tempão.  
e era azul.

---

---

## IX

(verde)

uma sensibilidade  
de folhas ao vento  
gritou meu tema rebatido,  
e um sorriso de alga  
transparente  
ecoa na alegria  
da primeira aceitação.

sim,  
eu tenho em mim a cor  
da folha,  
da alga,  
da gema,  
da espera,  
do campo.

eu tenho em mim o verde  
que nasce  
da fonte,  
que vive  
da estrela,  
estrela-fonte-espera  
acreditada.

meu tema é cor  
que meus braços procuram  
há milênios.  
assim,  
os poemas  
riem verde,  
olham verde,  
falam verde,  
e meus cabelos  
escorrem eternamente  
lágrimas de mar.

---

---

## X

(última primeira cor)

esta,  
a mensagem caleidoscópica  
das cores.  
mensagem de forma  
e poesia  
que pretendo branca,  
sofre cinza,  
busca o azul  
e quer o infinito.

esta,  
a mensagem minha  
tornada poema,  
poema-rio-dúbio,  
rindo e correndo  
em busca de outros homens.

esta,  
a mensagem muitas vezes triste,  
mas sua realidade transcende  
ao sofrimento,

mostrando a rosa e o pão  
desabrochados  
numa só vivência.

esta,  
a mensagem minha,  
nossa,  
colorida.  
e que ela seja  
além de mim,  
de nós,  
do escuro,  
mensagem verde  
imposta ao horizonte,  
e ensine a crer  
que alguma cor distante,  
impresentida e bela,  
ainda está por vir  
noutra mensagem boa.

# DE PEDRA

*para o grupo de escritores  
novos de goiás (gen).*



---

---

## TRÊS

três pedras grandes  
se desprendem  
brancas  
e em franja  
crescem sobre  
o vidro:  
crá!...

meu vidro  
fruido,  
três pedras  
quebrando  
num estrondo:  
crá!...

um braço frio  
prende o pranto  
triplo  
na fronha  
estraçalhada  
pelo vidro:  
crá!...

e as pedras brancas  
frutificam  
pedras  
em frente à fimbria  
que sobrou  
do vidro:  
crá!...

---

---

## DESPEITO

igual a estória  
da raposa e as uvas,  
já que não posso ser  
a grande poetisa  
e viverei sempre obscura,  
desconhecida,  
dentro do amor próprio  
com o qual me inundo;  
prendo a respiração  
do meu orgulho  
e faço questão de ser  
a pior poetisa  
que há no mundo!

ipameri – 1960



---

---

## CANTO DE SEMPRE

uma saudade assim  
de um quintal grande  
com um rancho  
coberto pelo pé de chuchu  
e a gente, estando longe,  
receber retrato colorido  
de rancho coberto  
por pé de chuchu.

uma saudade assim  
de uns quinze anos  
com vestido branco  
bordado de pérolas  
cor de sonho  
e o cuidado de não deixar  
a chuva pingar novembro  
em meu vestido branco.

uma saudade assim  
de um baile  
ou de um brinquedo  
que já foi quebrado.

uma saudade assim  
de um beijo,  
um manacá,  
um cheiro.

uma saudade assim  
bem mansa.

uma saudade.  
só.

---

---

## O HOMEM

eu sonho homem limpo  
nas manhãs molhadas  
tomando um café  
pitando um cigarro  
de palha ou papel  
saindo pro mato  
pisando a macega  
tirando do nada  
sementes verdinhas  
e frutos polpudos  
e flores sem fim

eu quero homem branco  
mas branco por dentro  
pois não sou racista  
comendo a comida  
quentinha que eu faço  
de arroz e feijão  
farinha e chuchu  
e carne grelhada  
e rima de céu  
voltando ao trabalho  
sorrindo e cantando

---

levando nos braços  
a sigla da terra  
e imo do mundo

eu amo homem certo  
na noite estrelada  
falando das coisas  
que compreendemos  
dizendo que o homem  
tem obrigação  
de tornar o homem  
(amigo inimigo)  
de tornar o homem  
somente feliz  
de ser tão honesto  
que sofra um pouquinho

eu sonho homem puro  
mais puro que a própria  
noção de poesia  
eu amo homem limpo  
que tenho e possuo  
lá dentro de mim  
pois se não o tivesse  
não acreditaria

---

---

## TÉDIO

em que pensar?  
não sei.  
eu ti talvez,  
na vida acumulada,  
em mim  
— tão nova  
falando sozinha —.

em que pensar?  
em não pensar.  
abro agraveta inferior  
da escrivaninha  
e guardo lá  
meus pés cansados.



---

---

## POEMA

não me importa que roseira seja aquela.  
simplesmente colherei a flor  
e te direi:  
— é tua.  
todas as flores agora estão mais belas,  
mais importantes para nós;  
nós, os que já estamos dando frutos.  
e não me importa o teu olhar,  
homem desconhecido:  
sinto-me despida de todo o elemento material.  
e se me despisses com teus olhos  
à procura de mistério,  
apenas encontrarias poesia.  
seria uma profanação,  
mas eu te olharia em profundidade  
e, cordialmente, te diria:  
— é tua.



---

---

## INSÔNIA

para tia edith

insônia

insônia

insônia

insônia.

rolo na cama:

insônia.

levanto,

passeio pelo quarto:

insônia.

deito novamente:

insônia.

minha nossa senhora!

insônia.

dor de dente:

insônia.

meu santo antoninho,

se dormir agora,

acompanho a procissão

descalça!

insônia.

subro a cabeça:

---

insônia.

penso em você:

insônia

insônia

insônia

insônia.

que diabo!

(*ipameri* – 1960)

---

---

## DESENCANTO

sabe  
quando a gente é pequeno  
e vê, pela primeira vez,  
um balão colorido  
no são joão?  
ele vai brilhando,  
subindo de mansinho,  
subindo...  
o coraçãozinho da gente  
vai pulando,  
pulando,  
e a gente sente  
uma coisa esquisita  
na garganta.  
depois  
o balão vem caindo  
vertiginosamente  
e a gente fica triste,  
triste...

vi hoje,  
pela primeira vez,  
a lua cheia,  
vermelha,

---

nascendo no horizonte  
de mansinho,  
subindo,  
subindo.  
senti uma agonia boa  
de deslumbramento  
e ela foi subindo,  
subindo  
depois olhei a vida.

(*ipameri* – 1959)

---

---

## RENOVAÇÃO

sei que estás só e despojado  
de todas as vestes coloridas.

o teu olhar não cansa  
em lágrimas vermelhas.

teus pés sangraram na procura  
e ficou impresso neles  
o mapa azul de todos os caminhos.

sei que andastes  
buscando o verde  
e te prendeu um horizonte de granito.

mas se voltares a imagem,  
verás flores eternizadas  
nas retinas.

mas se quiseres compreender,  
verás que ainda trazes  
muito de bom contigo.



---

---

## MENINICE

tinha cabelos  
louros  
como as espigas,  
macios  
como fios de seda  
e amarrados no alto  
com fitas coloridas.

mas não pense  
em menina bonita!  
eu era feia,  
muito feia,  
magrinha!

de tarde me escondia  
chorando pelos cantos  
com vontade de ser bonita  
igual a menina  
da vizinha

era magrinha,  
feia,  
entristecida  
e minha mãe morreu.

por que não me deixaram  
dar em sua face  
um beijo,  
um só,  
de despedida?

---

---

## BALADA CINZA

é feito de barro e gerânio  
é falso e despido  
de bruma e mistério  
é feito de estrela  
de carne e poeira  
é triste e falido  
é coisa esquecida  
é feito de vida e de morte  
meu sonho



---

---

## M Á G O A

não falarei das coisas que ficaram  
nem que deixarem de ficar  
não falarei das escamas  
caleidoscópicas dos peixes  
que vi no bar mal frequentado  
e nem contarei que choro tua ausência  
num apelo mudo  
de noite sem luar.  
não falarei as palavras boas.  
muito menos as más.  
apenas cantarei meu canto triste  
na hora das coisas tarde  
e sentirás o pranto que eu não tive  
brotar de teu olhar estagnado.



---

---

## SOLILÓQUIO 2

num jardim florido,  
ser violeta não vale a pena  
e ser orquídea já é demais.

existe a vida bonita  
e a vida feia  
à sua escolha  
e você fica com a saudade.

tem riso e tem tristeza,  
tem lágrima,  
tem aconchego.  
mas seu coração prefere  
ficar oprimido.

para rimar,  
diríamos  
que para o seu cansaço  
há algum sossego  
e pra dor de cabeça  
existe comprimido.

sua vida segue assim:  
sem rota,  
menos  
nem mais.

---

onde a utopia entressenhada?  
onde o remédio  
pra viver em paz?

*ipameri – 1959*

---

---

## SORRISO - MENINA

menina que passa  
levando um sorriso  
tão puro e espontâneo  
como a madrugada

menina que passa  
levando um sorriso:  
você já se olhou  
no espelho menina?

menina que passa  
e carrega um sorriso:  
sorriso assim pesa?

(sorriso que passas  
comeste a menina?)

menina que passa  
que leva um sorriso  
nos lábios no corpo  
na alma no sonho

you se parece  
com a vida menina  
a vida tão farta  
de risos sorrisos

sorrisos que passam  
sem ver minha fome

---

---

## CANSAÇÃO

um pernóstico qualquer  
sorri e balança uma flor.

já me cansei  
dessas coisas sem tempo  
e queria voltar a ser menina  
apanhando “brinco de princesa”  
na rua do sapo  
lá em ipameri.

a flor despetalou.

meu canto sem amor  
surgiu da vaga  
impressão de frio  
que tremeu por sobre o lago.

ah! como fiquei prolixa  
depois que te perdi.



---

---

## ESPECTRO

era um homem  
feito de sombras  
de folhas  
de tristeza  
olhando  
a fluorescência  
da vida

era um vulto  
sem sentido  
um vulto  
comprido  
perdido  
no nada  
das coisas  
sem fim

era o olhar  
ficando vago  
e sonolento  
e deprimido  
na visão  
entrecortada  
do homem só



---

---

## CANTO PARA O AMIGO SEM LUZ

porque,  
amigo,  
olhar as estrelas já não basta.

esse eterno ver  
vida passar por entre os dedos,  
não sustenta.

porque,  
amigo,  
olhar as estrelas já não basta.

nem basta o desejo  
de alcançá-las breve.

vamos beber força  
em fontes cristalinas.  
vamos abrir os braços,  
receber estrelas  
sobre o corpo.

e elas serão depois  
água de chuva  
sob os nossos passos.



---

---

## COMPREENSÃO

eu sei  
a noite veio  
porque o dia  
está raiando  
pra quem precisa  
de luz carece

bem sei  
a mágoa veio  
porque a alegria  
está brilhando  
pra quem precisa  
pra quem merece



---

---

## EPÍLOGO

eu fui alguém  
andando,  
seguindo,  
perdido.

eu fui alguém  
errando  
pelos caminhos.

amei os flamboyants,  
tive certeza  
das estrelas,  
sabia  
da minha sede  
de fonte  
nunca vislumbrada.

fiz poemas azuis  
e de brinquedo,  
mas fui alguém  
procurando  
o verde.

---

e contei tantas estórias  
de ventos e de brumas,  
de milênios de saudade,  
que páginas brancas  
transformaram-se  
num livro  
em busca de mim,  
num livro  
que mostra  
caminhos de mim.

caminhos de mim  
antes da encruzilhada,  
antes do fim  
que está no teu carinho,  
meu amor,  
e está em nossa fé

nos homens de depois  
que havemos de compor  
homens-poemas  
de mel e esperança.

## OS PARTICIPANTES E NÚMERO DE TRABALHOS

Serão impressos seis poesias de cada participante do Grupo de Escritores Novos, formado dos seguintes elementos: Aldair Aires, Miguel Jorge Luiz Fernando Valverde, Yêda Schmalz, Eleyr M. Malagone, Emílio Vieira Rosemari Ramos e Ciro Palmiston. Da poetisa Yêda Schmalz já está sendo editado, pela Escola Técnica, o livro intitulado "Caminhos de mim".

Menção ao livro *Caminhos de mim*, de Yêda Schmalz, em matéria do jornal *O Popular* de 2 de fevereiro de 1964  
Fonte: Cedoc/O Popular.



Yêda Schmalz entrega a Gilberto Mendonça Teles seu livro de poemas CAMINHOS DE MIM, o melhor de 1964.

Menção ao livro *Caminhos de mim*, de Yêda Schmalz, no suplemento literário do jornal *O Popular* de 10 de janeiro de 1965  
Fonte: Cedoc/O Popular.

POSFÁCIO  
**A MULHER ESCRITA  
E INSCRITA NAS  
LETRAS GOIANAS**

*fiz poemas azuis  
e de brinquedo,  
mas fui alguém  
procurando  
o verde*

**Yêda Schmaltz**

1. “FIO DA MEADA DE UMA HISTÓRIA”:  
NOTA PELA MEMÓRIA CULTURAL

Com o lançamento de *Caminhos de mim*, em agosto de 1964, Yêda Schmaltz (grafado Iêda, até então) inicia sua carreira de escritora, que resultará em 19 publicações, tornando-se uma das mulheres que mais publicou em Goiás. Conforme a própria autora percebeu, “[q]uantidade não significa qualidade, mas significa experiência, persistência e doação à causa da literatura” (1985). Os livros de poesia de Yêda revelam não só persistência, mas também preocupação experimentalista na elaboração da linguagem poética, anseio de estabelecer um espaço para a mulher na literatura brasileira e certa obsessão por retirar o estado de

Goiás do ostracismo cultural e literário. A biografia da autora confirma tais preocupações, pois ela esteve empenhada e atuante em meios diversos da cultura local.

Dentre as obras que publicou, aquelas que atualizam temas mitológicos lograram maior recepção dos leitores, especialmente da crítica acadêmica. *Caminhos de mim* foi um livro que circulou pelo meio intelectual goiano dos anos 1960, lido, citado em antologias e debatido em eventos e jornais locais, mas que posteriormente caiu em esquecimento. Tanto que, hoje os exemplares da primeira edição são raríssimos. Não se encontra na maioria das bibliotecas públicas de Goiás. Tal fato revela a precária condição da preservação dos bens materiais e imateriais no Brasil, que enfrenta problemas na preservação de sua memória histórica, cultural e literária, estando à mercê de retrocessos e repetições em decorrência desse esquecimento.

A presente leitura da obra da escritora goiana objetiva abordar algumas linhas de força do seu livro inaugural e apontar nele possibilidades de leitura para, assim, mapear a importância estética, histórica e sociocultural da publicação. Estas anotações estão norteadas, ainda, pelo princípio de que é preciso lembrar para não incorrer nos descertos do passado, para motivar a circulação do patrimônio cultural, intelectual e literário de Goiás e, conseqüentemente, contribuir para o seu desenvolvimento.

## 2. UM LIVRO “EM BUSCA DE MIM”: A CONSCIÊNCIA CRÍTICA E AUTOCRÍTICA

Inicialmente, chama atenção em *Caminhos de mim* a organização premeditada da obra e sua organicidade. O livro tem na capa, no título e na distribuição de suas seções e dos poemas um princípio que direciona o processo de busca e captura do eu. A

poeta afirma sua condição de mulher que se descobre desde a fotogravura (de autoria de Ulisses Pereira Dias) e por isso narra, na obra como um todo, o percurso de seu descobrimento pessoal. Esses são aspectos importantes porque Yêda Schmaltz imprimiu em seus livros de poemas uma organização particular que permite a captação isolada dos textos e, conjuntamente, subjaz à obra uma sequência narrativa, um enredo lírico. Além disso, é fundamental ressaltar que a autora é a primeira a imprimir marcas da feminilidade na poesia produzida em Goiás.

O livro se estrutura com três divisões nomeadas “de vento”, “de cor” e de “pedra”. Possui, ainda, um “prólogo” e um “epílogo”, poemas que, respectivamente, apresenta o sujeito lírico como alguém andando, perdido e “errando pelos caminhos”, e que, posteriormente, considera a importância de certas experiências (felizes ou não) para sua formação identitária, para então se projetar para um futuro em “que havemos de compor/ homens-poemas/ de mel e esperança”.

A primeira parte, “de vento”, a mais extensa do livro, com 31 poemas, registra, em ambiente primaveril, a passagem da infância para a vida adulta. Avultam nessas composições *flashes* da infância e da adolescência em que a voz lírica elenca as atividades lúdicas da meninice (“canto de roda”), o primeiro amor e o primeiro namorado (“conversa de amor” e “oração para o namorado”), registra as leituras literárias que marcaram sua juventude (Cecília Meireles, Vinicius de Moraes e Manuel Bandeira, incorporados no estilo e nos temas das composições), o encontro ou descobrimento da cidade (“goiânia – convite e roteiro”) e, enfim, as decepções e anseios que caracterizam a existência do sujeito lírico (“solilóquio”, “lágrima”).

A segunda parte do livro, “de cor”, fortemente marcada pela metalinguagem, contém poemas que parecem apontar o

anseio da voz lírica de criar um lugar de fala para a mulher, ou mesmo, um refúgio para as vicissitudes da existência. Essa seção, contendo IO poemas numerados e acompanhados de subtítulos, com textos mais sintéticos do que os presentes na primeira parte, é iniciada com um poema (“caleidoscópio”) em que o eu poemático solicita (à mãe e ao tio) o aparelho óptico que dá título à composição. Frente à recusa, o sujeito lírico resolve “pintar poemas/geométricos/ e não geométricos”, metáforas que indicam que o devaneio poética é libertador. O caleidoscópio é uma luminária dançante que espargue luzes coloridas. Ao ser interdita do acesso ao instrumento, a voz lírica se volta para a escrita que permite a abertura para uma existência plena, e constrói poemas “coloridos”. Ao final, faz da poesia seu próprio caleidoscópio. Esse encaminhamento metapoético considera, portanto, que o artista, ao dar livre curso à imaginação criadora, lança luzes sobre a realidade, tornando-a mais feliz. O título da segunda parte do livro, “de cor”, refere-se, nesse sentido, às possibilidades, aos efeitos inesperados, originados pela poesia. Trata-se, verdadeiramente, de uma visão utópica da arte. Interessante perceber, ainda, que a primeira parte do livro, “de vento”, apresenta as contingências da vida, enquanto a segunda parte localiza a poesia como espaço de superação dessas contingências e das limitações do real.

O quarto poema da segunda parte do livro, subintitulado “composição”, cujo estilo se apropria do prosaísmo bandeiriano, é significativo porque nele se encontra a poeta construindo um poema que é espaço, refúgio e morada, pois,

os versos que acolhem o corpo da poeta passam a fazer parte dele e o literário torna-se lugar de exílio voluntário. A poesia surge, portanto, como possibilidade de criar mundos novos para evadir da limitação do real, sendo também o próprio mundo novo que envida a superação. A criação de

um espaço-poema-morada parece configurar autoconsciência da criação feminina, em oposição à ostensiva produção de autoria masculina. Nesse sentido, é importante notar que a construção de casas, obras e elementos tais, situa-se, tradicionalmente, como atributo masculino.

A voz lírica do livro de Yêda Schmalz, que, desde o início da obra, assumiu uma *persona* feminina, apropria-se da estratégia culturalmente atribuída ao homem, para edificar seu próprio universo. O “lar” construído pela poeta se torna refúgio feminino, espaço para a construção da identidade do sujeito lírico. Esse é um aspecto que caracteriza a literatura de autoria feminina, sobretudo na segunda metade do século XX, pois é comum, nessas produções, encontrar personagens ou um eu lírico feminino que constrói ou reconstrói sua morada, seu espaço, seu universo (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p. 172-173).

Os poemas de número V, VI e VII se complementam, uma vez que, o segundo deles situa a voz lírica em um espaço que limita o discurso da mulher; a sociedade figura, nele, como lugar de silêncio do feminino. O poema V, por sua vez, aponta a poesia como possibilidade da mulher se colocar em discurso, enquanto o poema de número VII, subintitulado “sombra e violeta”, sugere a situação duplamente marginal desse discurso, que figura como simulacro e se posiciona criticamente diante do mundo ao perceber que nele “os homens maltrapilhos”, “não furtam-cores/ furtam pão/ para viver”. O poema final da segunda parte do livro apresenta um arremate dos temas desenvolvidos nos outros nove, ao concluir que a “poesia/ que pretendo branca,/ sofre cinza,/ busca o azul/ e quer o infinito”. Metáforas que sinalizam anseio metafísico de plenitude.

A terceira parte de *Caminhos de mim*, “de pedra”, contém 17 poemas que, em sua maioria, assumem uma visão desencantada do mundo, algo que parece contaminar o próprio estilo dos poemas,

que se mostram mais lacônicos, até mesmo no título, pois a maioria deles são constituídos de apenas uma palavra (“tédio”, “despeito”, “insônia”, “mágoa”, “espectro”). Note-se que tais títulos, por si só, adotam um olhar melancólico sobre a vida. Entretanto, assomam entre os poemas dessa parte *flashes* auspiciosos, a exemplo de quando a voz lírica registra que sonha “homem puro/ mais puro que a própria/ noção de poesia”.

Há traços de modernidade no livro de estreia de Yêda Schmaltz que merecem destaque, a exemplo do caráter autorreflexivo das composições, a crítica de si e do mundo (apontando o estado imperfeito da sociedade) e o erotismo ecológico, uma tônica da poesia de autoria feminina. Eros, poesia e natureza constituem o triângulo temático de *Caminhos de mim*, tendo por vértice a formação identitária da voz lírica. Assim, o sujeito lírico das composições passa pelo processo de autoconhecimento, conseqüentemente, de autocrítica, para então formular suas impressões do outro (o homem amado) e do mundo e, enfim, propor a mudança da sociedade pela arte e pelo retorno às origens. Atitudes que tipificam os artistas modernos, que, não raro, desprezam sua época, não se conformam com as limitações impostas pela realidade e encaminham o discurso artístico para o desejo de absoluto.

A composição intitulada “segundo caminho”, presente na primeira seção do livro, no percurso de formação identitária, é o primeiro que diretamente aponta a dissonância com a sociedade, ao se deparar com “um mundo embrutecido por ganância” e com “amor mais pobre que fecundo”. Assim, a poeta enuncia que após tal constatação “troquei a vida pelo sonho”; aqui, o “sonho” é metáfora para a poesia. No poema “terceiro caminho”, esse tema é recuperado e desenvolvido, quando a voz lírica divisa à frente “um mundo de deserto/ imensurável”, “foi quando [...] surgiu o amado feito de delícias”, experiência que conduz a jovem a adormecer de amor.

A metáfora do sono inverte a lógica dos contos de fadas tradicionais, pois a poeta não acorda para o encontro com o príncipe, e sim, entrega-se ao sono para viver plenamente a experiência. É possível perceber, portanto, que Eros comparece duplamente nos poemas do livro, por dirigir a voz lírica para a união com o outro e como modo de caracterizar a experiência com a poesia, quando o sonho/poesia permite a abertura para a existência plena, para a epifania.

A modernidade literária, desde os artistas românticos, é comumente entendida como a capacidade crítica e autocrítica do texto literário. Na poesia do século XX, a consciência poética prevalece sobre a espontaneidade e a inspiração. Em *Caminhos de mim*, cuja organicidade já foi ressaltada, é perceptível uma disposição sistêmica dos poemas que exaltam o texto literário como espaço de reconstrução da sociedade, como possibilidade de fruição e libertador das limitações impostas pela ordem social. A primeira composição da seção que abre o livro já inicia perseguindo “o amadurecimento/ da poesia”, ao propor a construção de metáforas e imagens inovadoras, que possam revelar sensações “como o silêncio/ dos teus braços/ nos meus braços”. Angélica Soares (1999, p. 35) percebeu uma tendência da poesia de autoria feminina em explicitar, através do erotismo, o caráter erótico da própria literatura, o que remonta ao pensamento platônico “que já previa a atuação de Eros como geradora de Poesia”. Soares (p. 38) desenvolveu leitura de um poema de *Alquimia dos nós*, livro que Yêda publicou em 1979, e percebeu que, assim como Gilka Machado, “Yêda Schmaltz também localiza a literatura no ápice das vivências eróticas”. O autoerotismo, exaustivamente perseguido na obra madura da poeta goiana, entretanto, já se encontra presente no seu livro de estreia, assinalando anseio de emancipação e de liberdade, algo decorrente do fato de o sujeito lírico estar imerso numa sociedade misógina.

As reservas a um mundo marcado pelas divisões, à vida social desarmônica e restritiva das liberdades individuais, também são aspectos que atribuem modernidade à obra, visto que, conforme a crítica adorniana apontou, a poesia moderna se posiciona como fratura, em oposição aos automatismos da ideologia dominante, estratégia construída em obras visceralmente individuais. Conforme defendeu Adorno (2003, p. 77), “[u]ma corrente subterrânea coletiva é o fundamento de toda lírica individual”. Fenômeno que permite explorar as configurações do amor e da natureza, nos poemas yedianos, sob perspectiva social.

O mito original de Eros o relaciona a divindades vegetais. Angélica Soares (1999, p. 55) ressaltou a relação entre Eros e natureza como “um dos modos de questionamento da condição da mulher”. A natureza se situa como fonte e motivo do eu feminino, pois no encontro da poeta com Eros e a natureza há um anseio em conceber um desenvolvimento igualitário e integrador do meio social. Isso decorre do fato de a natureza, assim como Eros, estar simbolicamente estabelecendo rompimento com a tradição opressiva. A exaltação do amor e da natureza constitui estratégia subversiva, porque se opõe ao desenvolvimentismo industrial e tecnológico. Aos olhos da voz lírica o mundo ideal, que promove uma existência feliz, não é o mundo moderno feito de “argamassa”, mas o espaço natural cheio de borboletas, flores e frutos, cores, sonhos, poesia, cantigas de roda e o amado “com um ombro enorme para o meu descanso”. Desse modo, em *Caminhos de mim*, o erotismo ecológico constitui um modo de buscar o relacionamento harmônico entre o ambiente social, a identidade feminina e a arte. Na busca pela própria voz se enlaça o sofrimento e o sonho, a ânsia do absoluto e o desejo de fusão com o outro, com o mundo e com a poesia, bem como, o desejo de regresso ao paraíso perdido: “deitar-me-ei/ no ventre das coisas/ e abrirei os braços/ longamente ao vento”. Esses

versos de “depois de mim” situam a natureza conduzindo a experiências sensoriais e união cósmica, mas também expressando busca de liberdade, o que parece ser indicado pela presença do vento.

Tais percepções convergem com a leitura desenvolvida por Nelly Novaes Coelho (1993, p. 18, grifos da autora) sobre *Caminhos de mim*, inserido entre as vozes poéticas dos anos 1960 que apresentam “não só a consciência da *tarefa criadora* que cabe ao ser-poeta neste mundo-em-caos como também a *sondagem* da palavra poética transformada em poema”. A estudiosa entende que a poesia brasileira de autoria feminina dos anos 60 empreende um processo de transformação da lírica sentimental para ética-existencial, estando no cerne dessa mudança “a consciência experimentalista” e “uma nova interrogação do *ser-poeta* e do *ser-da-poesia*” (COELHO, 1993, p. 17, grifos da autora). Essa nova consciência feminina envereda para uma vivência autofágica, que questiona o ser feminino, o amor, a poesia e o mundo.

### 3. A “FLOR DESPETALOU”: A CORROSÃO DOS MITOS ROMÂNTICOS NA BUSCA DO FEMININO

Gilberto Mendonça Teles (1995) destacou como pontos fortes de *Caminhos de mim* a “novidade dos achados estilísticos” como consequência da rebeldia e do inconformismo diante da língua, o “artesanato técnico”, o uso do verso livre em consonância “com os objetivos da expressão”, a construção de uma “família de significações” e o “bom gosto de leitura e a capacidade de aquisição expressiva” da autora. Tais aspectos da obra parecem convergir para a elaboração de uma dicção feminina, na busca pela distinção de sua escrita do paradigma literário masculino.

Exemplar disso é que as metáforas elaboradas no interior

dos poemas de Yêda Schmaltz se dirigem rumo ao deslocamento dos modelos mais recorrentes. As divisões do livro demonstram esse aspecto, uma vez que “de vento”, “de cor” e “de pedra” são construções metafóricas, dentre outras, que podem se vincular a um aspecto da realidade, mas são imagens fugidias, que exploram a faculdade imaginária. A construção de um discurso que destoa do usual pode ser interpretado como um ideal feminino de fugir da maldição de Eco, personagem mitológica cujo funesto destino é repetir a fala dos outros, algo que ela continua fazendo mesmo depois de encarcerada em rocha. Conforme destacou Ruth Silviano Brandão (2004, p. 14), a mulher sob registro masculino é sonho alheio, é um simulacro, uma ficção. Conscientes dessa construção e, portanto, trabalhando para fugir da petrificação promovida pela idealização, as mulheres escritoras da segunda metade do século XX “revelam sua potencialidade criadora [através] de novos caminhos, imprevistas soluções, inesperadas veredas”. Tais pressupostos encontram-se desde o título do primeiro livro publicado pela autora goiana. A proposta de apresentar os “caminhos de mim” constitui um modo de redefinir a identidade fora do discurso dominante.

O estilo dos poemas do livro filia-se, sobremaneira, à poética de Cecília Meirelles, o que já evidencia o trabalho de construção de uma tradição de autoria feminina. A poeta goiana avança para os reinos de Eros potencializando a temática amorosa que em Cecília se apresenta asséptica. A escolha lexical dos poemas converge com a terminologia usual na poesia cecilianiana, como é possível notar em composições a exemplo de “cantiga”, “oferenda” e “o barco”. O espaço primaveril, a presença de flores e frutos, estrelas e brisas, bem como, a metalinguagem e a presença de uma voz lírica feminina que se encontra diante do espelho, se descobrindo e se revelando, são aquisições da autora de *Flor de poemas*.

Na poesia de Yêda encontra-se um discurso que engendra o sujeito poético, que empreende uma fuga da captação tradicional, esboça-se uma fuga da alienação e da ficção do feminino formulada pela sociedade androcêntrica. Para superar a condição de ser eco de outras vozes, o eu poemático do livro realiza uma regressão e um resgate em busca da origem, que promoverá sua auto(re)definição. Assim, o retorno à infância pode ser tomado como busca da identidade, pois ali a voz lírica mapeia sua tradição (por isso a menção recorrente à família, desde a dedicatória do livro) e a retomada dos feitos da infância e da juventude. Assinalar a tradição familiar, a tradição oral (com as cantigas de roda) e a tradição literária que forma sua escrita conduz a indagações insistentes, que resultam no desmoronamento de mitos tipicamente românticos, formuladores da imagem da mulher idealizada (a flor, sensitiva, abnegada e cordial).

Um dos poemas finais do livro, intitulado “cansaço”, é revelador dessa faceta, pois o sujeito lírico deseja retornar à infância para fugir da idealização promovida pelo “pernóstico” que lhe oferece uma flor. No centro da composição, o verso isolado, que enuncia de forma ambígua que “a flor despetalou”, possibilita entender o processo de saída do ideal formulado pelo masculino. O poema é encerrado com a consideração: “ah! como fiquei prolixa/ depois que te perdi”. A consciência crítica da voz lírica incide contra o mito romântico da mulher-flor, a quem se oferta flores para, de forma analógica, assinalar sua suposta fragilidade.

Norma Telles (2004, p. 337), por sua vez, lembra que o “discurso que naturalizou o feminino, colocou-o além ou aquém da cultura. Nesse âmbito, a criação foi definida como prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução da espécie e sua nutrição”. A estudiosa nota, ainda, que o Romantismo do século XIX foi importante para oferecer impulso às

mulheres para a desobediência, mas consolidou o ideal da *femme fatale*, musa ou criatura, porém nunca criadora. Repetidoras de um discurso alheio, a mulher ocupa um espaço na sociedade em que vive que lhe foi “reservado pela expectativa criada por uma ideologia autoritária patriarcal” (BRANDÃO, 2004, p. 50). Por isso, “o poeta” designa, desde a antiguidade grega, “aquele que faz”, o criador de novos mundos, enquanto “a poetiza” refere-se pejorativamente à mulher sonhadora, frágil, ornamento, que escreve poesia (TELLES, 1992, p. 45), o que levou as brasileiras a partir dos anos 1960 a evitarem o termo.

Tudo isso demonstra que a mulher escritora teve de enfrentar muitas barreiras. Tal argumento foi desenvolvido por Virgínia Woolf (1985), no ensaio que denunciou que a autoria é uma concepção eminentemente masculina e que a glória da mulher é não ocupar o lugar de locutora. Woolf passa a reivindicar, então, um “quarto próprio”, um espaço reservado, isto é, condições socioculturais e econômicas que permitam o surgimento de mulheres artistas e intelectuais. Yêda publicou seus primeiros livros no momento em que as mulheres, no Brasil, passavam pelo processo de emancipação e se inseriam no sistema literário, porém, contavam com uma plateia e uma crítica bastante reduzida; por isso, quase sempre elas escreviam para o seu próprio deleite, o que talvez tenha motivado a erotização da escrita poética. Tais autoras foram acusadas, ainda, de produzirem uma literatura frágil e insipiente, argumento que decorre de dois motivos. O primeiro, como percebeu Virgínia Woolf (1985, p.87), é que “[a]s obras-primas não são frutos isolados e solitários; são o resultado de muitos anos de pensar em conjunto” e faltava tradição e antecedentes consolidados para as mulheres escritoras. Outra questão é que as inovações abruptas, as subversões e transgressões desnortearam a crítica, que ora optou pelo silêncio em torno dessas produções, ora desabonou certas escolhas.

No contexto androcêntrico “são os valores masculinos que prevalecem” (WOOLF, 1985, p. 97), daí certas estratégias e escolhas discursivas das escritoras serem apontadas como “defeito”. *Caminhos de mim*, conforme o leitor pode notar de imediato, abdica do uso de maiúsculas e muitas vezes da pontuação. Isso que alhures foi apontado como defeito ou fragilidade pode ser interpretado, sob outro viés, como escolha estilística. Segundo Lúcia Castelo Branco (2004, p. 124), é comum as mulheres escritoras lançarem mão desse recurso, algo que “atende também à necessidade profunda dessa escrita, não localizada propriamente no discurso, mas no seu além (ou aquém?) – o resgate da coisa, a captação do que há por detrás da palavra”. Trata-se, nessa perspectiva, de “perseguir o que se situa além da mediação linguística”, num processo de construção de uma linguagem feminina, linguagem do eu, em que avultam muito mais os gritos, balbucios, sensações e imagens do que, diretamente, a palavra. As considerações de Lúcia Castelo Branco esclarecem, ainda, no tocante à escrita yediana, o emprego recorrente de metáforas imprecisas, como as constantes no poema final da primeira parte:

canto em sede de infinito  
os trigais estavam maduros,  
mas ela era a mulher do vento.  
a brisa cristalina cantava  
o seu chamado eterno,  
mas ela era a mulher da espera.

estrelas pingaram e escorreram  
sua luz calada  
pelos cabelos dela.  
o céu abriu-se em horizontes largos  
e a sede do infinito  
era da cor das algas.

os caminhos perderam-se  
em distância.  
as sereias cantaram em vão  
os seus cantos amargos.

porque ela era a mulher da espera,  
a fonte foi mais funda,  
foi mais branca.  
e o voo  
foi mais simples,  
foi mais longo.

Note-se que a inserção da conjunção adversativa, no segundo e no quarto verso da primeira estrofe, não dirige o leitor para conclusões objetivas e não esclarece o contraste entre as proposições. A figura feminina posicionada como “a mulher do vento” e a “mulher da espera” constitui um elemento enigmático, assim como a afirmação de que “a sede do infinito/ era da cor das algas” encerra um mistério insolúvel. Da mesma forma, ocorre uma indefinição em torno da explicação final, baseada nas assertivas contidas nas estrofes anteriores. Há algo que nos escapa nesse poema, conduzindo o leitor ao desnorтеio, ao descaminho. Isso porque o poema encerra um silêncio e “o silêncio pode se impor como a última possibilidade de expressão” (BRANCO, 2004, p. 130); surge como saída para a ideia de que “a escrita feminina configura uma impossibilidade” (p. 126).

Desse modo, a memória, o idílio, o fragmento e o silêncio constituem “registros paralelos ao discurso logocêntrico, que aprendemos a considerar como a única linguagem do conhecimento” (p. 130). Ao mesmo tempo, é possível entender que ao edificar um discurso pautado sobre o silêncio, a falta e a imprevisão, a voz lírica do poema resvala para a autorreferencialidade,

para a metalinguagem, pois a poesia é localizada como o espaço de liberdade, onde se localiza a fruição da “mulher da espera”, uma vez que pelo texto poético ela alcança dimensões interdidas pela realidade. Por isso, a fonte foi mais funda e mais branca e o voo mais simples e mais longo, construções metafóricas que evidenciam que o caminho para outro percurso mostra-se possível, conforme a imaginação poética apontou.

### PAULO ANTÔNIO VIEIRA JÚNIOR

Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor de Literatura da UFG e da PUC-GO.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In: *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. p. 65-89.

BRANCO, Lúcia Castelo; BRANDÃO, Ruth Santiago. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

SCHMALTZ, Yêda. *Caminhos de mim*. Goiânia: Escola Técnica Federal de Goiás, 1964.

SCHMALTZ, Yêda. Yêda Schmaltz: “A amargura faz crescer a barriga”. *Jornal Cacauletras*, Itabuna, p. 7, 1985.

SOARES, Angélica. *A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

TELES, Gilberto Mendonça. A mulher nas letras de Goiás. In: TELES, G. M. *Estudo goianos II: a crítica e o princípio do prazer*. Goiânia: Ed. UFG, 1995. p. 45-57.

TELLES, Norma. Autor+a. In: JOBIM, José Luís (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 45-64.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 335-370.

VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. *Uma escrita sustentada pela paixão: a poesia erótica de Yêda Schmaltz*. 2014. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. Caminhos de mim, Tempo de semear e O Peixenauta: uma leitura da obra inicial de Yêda Schmaltz. In: BONAFIM, A.; BORGES, G. F (org.). *Estudos da linguagem: diálogos sobre literatura, linguística e ensino de línguas*. São Paulo: Todas as Musas, 2018. p. 159-189.

VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. A poesia de autoria feminina em Goiás: caminhos da tradição em Yêda Schmaltz. *Revista Eletrônica Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 16, n. 188, p. 132-141, 2017.

VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. Caminhos poéticos de Yêda Schmaltz: a construção de um estilo. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 54, p. 295-310, 2017.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

## INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

**Reitor**

Jerônimo Rodrigues da Silva

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**

Paulo Francinete Silva Júnior

**Coordenadora da Editora**

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

**Conselho editorial**

Carlos de Melo e Silva Neto

Fábio Teixeira Kuhn

Fernando dos Reis de Carvalho

Lucas Nonato de Oliveira

Maria Aparecida de Castro

Maria de Jesus Gomides

Rita Rodrigues de Souza

Tânia Mara Vieira Sampaio

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

**Coordenação da Coleção Artífices**

Olliver Mariano Rosa

Marcela Ferreira Matos

Goiandira Ortiz

**Digitação da obra original**

Isabel Luisa Sampaio

**Revisão**

Flomar A. Oliveira Chagas

Danila Laiana da Silva Mello

**Projeto gráfico e capa**

Pedro Henrique Pereira de Carvalho

**Diagramação**

Anderson Plácido (EDIFS)

Renata Rosa Franco

**Conselho científico**

Adelino Cândido Pimenta (IFG)

Albertina Vicentini Assumpção (PUC/GO)

Alice Maria de Araújo Ferreira (UNB)

André Luiz Silva Pereira (IFG)

Angel José Vieira Blanco (IFG)

Antônio Borges Júnior (IFG)

Camila Silveira de Melo (IFG)

Cândido Vieira Borges Júnior (UFG)

Carlos Leão (PUC/GO)

Celso José de Moura (UFG)

Clarinda Aparecida da Silva (IFG)

Cláudia Azevedo Pereira (IFG)

Dilamar Candida Martins (UFG)

Douglas Queiroz Santos (UFU)

Gláucia Maria Cavasin (UFG)

Jullyana Borges de Freitas (IFG)

Jussanã Milograna (IFG)

Kellen Christina Malheiros Borges (IFG)

Kenia Alves Pereira Lacerda (IFG)

Liana de Lucca Jardim Borges (IFG)

Lídia Lobato Leal (IFG)

Lillian Pascoa Alves (IFG)

Manoel Napoleão Alves de Oliveira (IFG)

Marcelo Costa de Paula (IFG)

Marcelo Firmino de Oliveira (USP)

Maria Sebastiana Silva (UFG)

Marshal Gaioso Pinto (IFG)

Marta Rovey de Souza (UFG)

Mathias Roberto Loch (UEL)

Maurício José Nardini (MP/GO)

Pabline Rafaella Mello Bueno (IFG)

Paulo César da Silva Júnior (IFG)

Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor (IFG)

Paulo Rosa da Mota (IFG)

Rachel Benta Messias Bastos (IFG)

Ronney Fernandes Chagas (IFG)

Rosana Gonçalves Barros (IFG)

Simone Souza Ramalho (IFG)

Waldir Pereira Modotti (UNESP)

Walmir Barbosa (IFG)

*Formato* 150 x 210mm*Tipografia* Helvetica Neue Bold 12/14 (títulos)  
Mrs Eaves OT Roman 11/16 (texto)*Papel* Pólen 80 g/m<sup>2</sup> (miolo)  
Cartão Supremo 300 g/m<sup>2</sup> (capa)*Tiragem* 500 exemplares



*E está em nossa fé*

*Nos homens de depois  
Que havemos de compor  
Homens-poemas  
De mel e esperança.*

## A COLEÇÃO ARTÍFICES

COMO OS ESTREANTES NA POESIA, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na arte da tipografia para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio.

Numa ou noutra das obras desta coleção, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a, com os olhos no futuro, folhearem cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.



EDITORA  
**IFS**



INSTITUTO FEDERAL  
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
Sergipe



editora **ifg**



INSTITUTO FEDERAL  
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
Goiás

